

UMA ADEGA DE LIVROS

Vinícius Carvalho Pereira (UFRJ)¹

Livro sobre livros – *metalivro* ou mesmo *livro-meta*, apresentando objetivos e perspectivas para a literatura e a bibliofilia no século XXI –, *_não contem com o fim do livro* é uma obra surpreendente, desde a grafia de seu título, com inicial minúscula e um traço horizontal (chamado de *underscore* ou *underline* na esfera digital). Embora tal símbolo de diagramação passe despercebido para um leitor mais incauto, é preciso ver que uma obra acerca do destino do livro impresso na era do *e-book* joga conscientemente com o caráter expressivo de tal traço, já com destaque na capa. Afinal, se o *underscore*, à era da máquina de escrever, servia para sublinhar palavras digitadas, inexistentes que eram os editores de texto, hoje esse símbolo marca, para os informatas, o espaço em branco em aplicações e sistemas que não suportam o caractere do simples espaço em branco, como URLs e endereços de correio eletrônico.

E, a bem da verdade, é do suposto preenchimento de um espaço vazio que fala o livro publicado pela Record. Suposto porque, às apocalípticas previsões de que o livro impresso seria suplantado pela tela de cristal líquido, Umberto Eco e Jean-Claude Carrière mostram que não há uma lacuna do livro a ser preenchida pelas novas tecnologias: o livro em papel é, ainda hoje, como mostram os autores, o mais eficiente recurso para fixação e divulgação da cultura e da literatura mundial. O *underscore* do título transforma-se, pois, não em recurso de preenchimento, mas de destaque à figura do livro, tema que percorre de forma muito poética o discurso de Eco e Carrière.

Estruturado sob a forma de entrevistas conduzidas pelo jornalista Jean-Philippe de Tonnac, *_não contem com o fim do livro* encerra de modo agradável e literário questões fulcrais para a pós-modernidade, como os diferentes *modi legendi* ensejados pela diversidade de suportes, como a folha de celulose e a mídia computacional. Assim, não há que se comparar a leitura no papel ou

na tela, uma vez que, dos objetivos do leitor ao próprio movimento do globo ocular, trata-se de dinâmicas radicalmente distintas.

Além disso, desconstroem-se, nas falas dos entrevistados, clichês como o da supremacia dos suportes digitais quanto à sua durabilidade e à sua capacidade de armazenamento. Como nos mostram Eco e Carrière, cassetes, disquetes de diversos tamanhos, CDs e DVDs já se sucederam de forma ininterrupta como pretensas tecnologias revolucionárias que poriam fim ao invento de Gutenberg, mas sempre caindo na obsolescência após alguns anos. O livro em papel, todavia, continua como suporte flexível e democrático, podendo ser utilizado a qualquer hora e em qualquer lugar, a despeito da evolução tecnológica ou da disponibilidade de uma tomada.

No mesmo diapasão, o semiólogo italiano, famoso por seus romances e ensaios de estética e crítica literária, afirma que, se a função do livro é preservar o que não deve ser esquecido, separando-o do descartável ou casual, a Internet subverte essa lógica, preservando tudo. A função seletiva da memória e da cultura, que permite ao homem esquecer o banal para reter o essencial (perdida pelo personagem borgeano Irineu Funes, a quem o “excesso” de passado leva às raias da loucura), é invalidada nesse repositório virtual onde tudo cabe. Não sabemos mais, então, o que é importante e o que é circunstancial, naufragando na impossibilidade de digerir tantos dados.

Levando mais além essa análise de cunho borgeana, Eco traça um prognóstico digno também de outro conto do ficcionista argentino: “A biblioteca de Babel”. No entanto, se o conto de Borges revela os espelhamentos entre o espaço da biblioteca e o próprio universo, multiplicando seus sentidos e as possibilidades de leitura, a vastíssima biblioteca digital que a Internet proporciona pode significar o cataclismo da comunicação humana. Afinal, se só nos comunicamos a partir de certos referenciais compartilhados, como enciclopédias convencionadas na vida em comunidade, a rede internacional multiplica as enciclopédias ao infinito babélico, podendo culminar até mesmo na incomunicabilidade. Sem nada em comum, não haveria troca, apenas equívocos, gritos e surdez.

E, se nesta resenha, parecem exageradas as referências a Borges, há que se lembrar que estas também abundam em *_não contem com o fim do livro*. Livro sobre livros, ou melhor, sobre as paixões de dois bibliófilos, esta obra é um grande intrincado de redes intertextuais, ligando obras famosas e desconhecidas, contemporâneas e medievais, algumas mesmo anteriores ao advento da prensa de tipos móveis. Nesse sentido, por vezes torna-se difícil acompanhar o fluxo lógico das informações do livro de Eco e Carrière, uma vez que o tom de conversa informal leva a longas digressões acerca do cheiro, do gosto ou da textura de uma obra, qual enólogos que discutissem sobre um vinho de rara safra. Embevecidos – e embriagados! – pela paixão do objeto livro, em determinados trechos os entrevistados deixam as questões formuladas sem resposta clara, preferindo recitar trechos favoritos de determinados romances de cabeceira.

Aliás, o próprio Jean-Philippe de Tonnac explicita essa relação entre a biblioteca e a adega (e esse percurso ébrio nos diálogos!) no sugestivo capítulo “Todos os livros que não lemos”. Em resposta à comum pergunta se todos os livros de suas vastíssimas bibliotecas (espalhadas em diversas casas pela Itália) já foram por ele lidos, Eco responde categoricamente que não. Tê-los não significa necessariamente lê-los, até porque a vida seria muito curta para tanto. O amor pelo livro iria além, pois, da fruição do texto, evocando ainda prazeres sensuais de tato, olfato, com eventuais momentos de contemplação e um folhear fugaz. Assim, tal qual adega repleta de raridades, Tonnac afirma que é um orgulho deter tantas preciosidades, mas que não seria sábio consumi-las todas. Ler por ler, apenas para dar conta das obras, culminaria em uma ausência de gozo, qual sexo agendado ou sem desejo, ou consumo de vinho já sem o paladar apurado... Um verdadeiro enófilo não tem por objetivo tomar todos os seus vinhos, senão amá-los e admirá-los.

Por fim, se não é só no corpo do texto, mas na materialidade do objeto livro que está o prazer do bibliófilo, não se pode deixar de fazer um elogio ao projeto gráfico de *_não contem com o fim do livro*. Sua capa é bem sugestiva no que tange à utilização de elementos visuais, como, no canto superior à

direita, a imagem de um retalhador de papel, daqueles usados em empresas para dar fim a documentos confidenciais. A visão de tal utensílio, imponente e destruidor, remete aos incêndios da biblioteca de Alexandria, aos bibliocaustos da Inquisição e mesmo à pretensa substituição do livro impresso pelo *e-book* no século XXI.

Logo abaixo da ferramenta “biblicida”, mais ao centro da capa, observa-se ainda um livro aberto e retalhado, com suas páginas cortadas em tiras horizontais, mas ainda encadernadas. Todavia, se um leitor desavisado acha que isso representa a derrota do livro, ledo engano. Essa obra realmente existe e foi concebida originalmente “fatiada” em diversas tiras. Trata-se do célebre livro *Cent Mille Millions de Poèmes*, de Raymond Queneau, poeta e matemático francês do grupo Oulipo. Seu livro consiste em 10 únicas páginas onde estão escritos sonetos, cujos versos são separados uns dos outros em tiras de papel independentes, que podem ser movidas sem afetar as demais.

Como nos livrinhos infantis em que se pode montar uma quimera com cabeça de jacaré, corpo de pato e pé de macaco, ou algo que o valha, *Cent Mille Millions de Poèmes*, em sua condição original de livro fatiado, permite a construção de 100.000.000.000.000 (10¹⁴) sonetos diferentes, por uma simples operação de análise combinatória, em que cada uma das 10 opções para o primeiro verso pode se combinar com qualquer uma das 10 opções para o segundo, e assim sucessivamente. E o que é mais espantoso: todas as combinações geram poemas coerentes e sintaticamente exatos, respeitando ainda os preceitos de métrica e rima que manda a tradição.

É, pois, como obra retalhada, justaposta ao retalhador de escritório, o qual metonimiza todas as investidas contra os livros, dos incêndios ao e-book, que o texto de Queneau ganha em potência (de expoente 14, aliás!). Do mesmo modo, Eco e Carrière apontam como, graças às batalhas que tiveram de enfrentar, alguns livros, se retalhados ou rasgados, com orelhas ou rasuras, oxidação ou manchas, se tornaram potências cada vez mais intensas e apaixonantes, como bons vinhos que o tempo só faz amadurecer.

